

Márcia Ribeiro de Oliveira

Museóloga, mestranda em Comunicação e Semiótica da PUC/SP
e coordenadora do Módulo de Fotografia do Instituto Cultural Itaú.

A Memória Fotográfica de São Paulo em Processo de Informatização

A OPÇÃO PELA
FOTOGRAFIA COMO
SUPORTE PARA O
RESGATE DA MEMÓRIA
DA CIDADE E O
FOTÓGRAFO ENQUANTO
FILTRO CULTURAL

E escrever sobre os velhos prédios e casarões, prestes a serem demolidos, ou relatar as histórias contadas pelos antigos moradores, era uma forma de resguardar a cidade das transformações mais bruscas e resgatar os antigos usos e costumes urbanos. Desenhos, aquarelas e mapas foram, até o advento da fotografia, os outros meios utilizados para mostrar aspectos da cidade e registrá-los.

As intervenções constantes no espaço



urbano, que modificam seu aspecto e seu uso, afirma o jornalista Moracy de Oliveira, levam a população a ter dificuldade em relacionar o presente ao passado, a perder a noção da sua história.

A fotografia é um dos registros que melhor possibilita a percepção, a leitura e a interpretação do ambiente urbano, pela sua capacidade de aglutinação de várias outras linguagens: a da arquitetura, da programação visual e do desenho industrial, ao mesmo tempo em que cria uma nova linguagem diferente das demais. Através dela é possível comunicar ao usuário as características físicas, os usos e as transformações da cidade enquanto organismo vivo. Como diz Jacques Le

Goff,

"a fotografia (...) revoluciona a memória: multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo assim guardar a memória do tempo e da evolução cronológica".¹

A leitura da imagem fotográfica é mais carregada de significados para aqueles que procuram conhecer o contexto histórico particular em que tal registro se originou. Por outro lado, essas imagens pouco contribuirão para o progresso de conhecimento histórico, sociológico, antropológico e/ou estético, se delas não se extrair o potencial informativo e/ou estético que as caracteriza, lembrando, portanto, que as fotografias não se constituem em meras ilustrações aos textos.

Para Bóris Kossov,

"a eleição de um aspecto determinado, isto é, selecionado do real, com seu respectivo tratamento estético - a preocupação na organização visual dos detalhes que compõem o assunto, bem como a exploração dos recursos oferecidos pela tecnologia: todos são fatores que influirão decisivamente no resultado final e configuram a atuação do fotógrafo enquanto filtro cultural."²

Isto é, seu talento e intelecto determinarão a qualidade do registro e este, por sua vez, atestará a visão de mundo do fotógrafo.

O fotógrafo, ao registrar um logradouro - por exemplo, o largo de São Francisco, em São Paulo -, pode optar apenas pelo enfoque das edificações reconhecidas

como 'patrimônio cultural', como a Faculdade de Direito, a Igreja de São Francisco, a Escola de Comércio Álvares Penteado, ou então, eleger cenas do cotidiano como assunto que mais lhe interessa, ou as esculturas, o restaurante em frente ao largo, o estacionamento do Jôquei Clube ou, quem sabe, o respiradouro do metrô e as floriculturas. É possível, ainda, fotografar a partir de um tema pré-determinado, como a relação dos estudantes da Faculdade de Direito com o Largo, e outros. Dependendo de seu interesse, formação profissional, domínio técnico, sensibilidade e objetivos, o fotógrafo pode apresentar sua visão, eventualmente rica e complexa desse logradouro, permitindo novas e múltiplas leituras.

A DIVULGAÇÃO DA MEMÓRIA FOTOGRÁFICA DA CIDADE DE SÃO PAULO

Na década de 1930, Benedito Junqueira Duarte, a convite de Mário de Andrade, promoveu a primeira organização do acervo da



Seção de Arquivo de Negativos do Departamento de Cultura, atualmente ligado ao Departamento do Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura. Nessa época, o arquivo possuía cerca de duas mil imagens, entre as quais, negativos de vidro originais da obra do fotógrafo Guilherme Gaensly, negativos de vidro reproduzidos das matrizes do fotógrafo Militão Augusto de Azevedo - *Álbum Comparativo da Cidade de São Paulo 1862-1887*, e negativos de Aurélio Becherini, que no período de 1914 a 1919 continuou o trabalho sistemático de registro fotográfico da cidade, iniciado por Militão e Gaensly. A este acervo somou-se a produção fotográfica realizada por Benedito Duarte na década de 1930, além das fotografias produzidas por outros fotógrafos do Departamento de Cultura.³

O Departamento do Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo sempre colocou à disposição dos consulentes seu acervo de imagens fotográficas, que continuou a ser produzido nas décadas seguintes, embora enfrentando muitos problemas para sua conservação. Além desse Departamento, outros órgãos poderiam ser mencionados como prestadores de serviço no sentido da preservação e divulgação da memória fotográfica da cidade de São Paulo: o Departamento do Patrimônio Histórico da Eletropaulo, com álbuns de fotografia do século XIX até a década de 1940 e publicações posteriores; a Biblioteca Mário de Andrade, da Secretaria Municipal de Cultura, com álbuns de

fotografia do século XIX e XX, além de publicações da Seção de Obras Raras; o Museu de Arte de São Paulo, com a coleção completa da Revista *O Cruzeiro* e outras publicações na área de fotografia. Além desses, é importante lembrar o Condephaat, o Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana, o Museu Paulista, o Arquivo Multimeios do Centro Cultural São Paulo, os arquivos das agências fotojornalísticas da Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e a Editora Abril e, atualmente, a importante produção das agências particulares como a Fotograma, N-Imagens e Pulsar, entre outras.

Alguns colecionadores particulares de fotografia e de cartões postais como mons. Jamil Nassif Abib, Benedito Lima de Toledo, Rubens Fernandes Junior e Bóris Kossoy, também prestam um serviço de preservação e divulgação de imagens fotográficas da cidade.

A partir da década de 1970 a memória fotográfica de São Paulo passou a ser divulgada principalmente através do recém-criado Museu da Imagem e do Som, da Secretaria de Estado da Cultura, que realizou a exposição Memória Paulistana (1975) e A cidade também é sua casa (1980) - concurso que visava estimular os cidadãos paulistanos a fotografarem a cidade. Já o Departamento do Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura, com a criação do Museu de Rua (1977), por Júlio Abe Wakahara, passou a ter seu acervo exposto nas principais ruas, praças e viadutos.

Na década de 1980 as exposições do

Museu de Rua continuaram, e no âmbito dos museus foram realizadas algumas mostras relativas à memória fotográfica da cidade; em 1981, o Museu de Arte de São Paulo fez uma exposição sobre a obra de Militão Augusto de Azevedo - *Álbum Comparativo da Cidade de São Paulo 1862-1887*, com esmeradas reproduções realizadas por João Sócrates de Oliveira. Entre 1979 e 1982 a Pinacoteca do Estado, através de seu Gabinete Fotográfico, sob a curadoria de Rubens Fernandes Junior, realizou duas mostras sobre a memória fotográfica paulistana. Por sua vez, o Departamento do Patrimônio Histórico da Eletropaulo passou a promover, na mesma década, exposições no saguão do edifício Alexandre Mackenzie. A primeira exposição que ocupou a Galeria do Chá, em 1984, teve como tema os bondes e como cenário o desenvolvimento urbano da cidade. Em 1982 uma grande parte do acervo fotográfico da Eletropaulo foi exposto no Museu de Arte de São Paulo, sob a curadoria de George Love.

A partir da Lei Sarney, que incentivava as atividades culturais, o empresariado também começou a participar da divulgação da fotografia e, em particular, da memória fotográfica das cidades brasileiras.

No final de 1990 o Citicorp/Citibank realizou a exposição *A Cidade de São Paulo*, com fotografias, cartões postais, óleos e aquarelas; e em dezembro de 1991 foi inaugurado o Banco de Dados Informatizado - Setor Memória Fotográfica da Cidade de São Paulo, pelo Instituto Cultural Itaú, com mais de quinhent

tas fotografias da avenida Paulista, que na época completava seu centenário.

UMA EXPERIÊNCIA: SISTEMATIZANDO A MEMÓRIA FOTOGRAFICA DA CIDADE DE SÃO PAULO ATRAVÉS DA INFORMÁTICA

Segundo o biólogo-urbanista escocês Patrick Geddes, autor de *City Evolution*,

'contar a história dos povos através das guerras é uma banalidade: todos são bons, isso não é história. A verdadeira história de um povo se faz todos os dias, é a história modesta'.

Geddes critica os historiadores de sua época por serem como jornalistas modernos, que somente narram fatos excepcionais. Na realidade, o que conta na história de um povo e na história de suas cidades, entende Geddes, são os fatos cotidianos, aquilo que acontece discretamente, todos os dias, na vida cotidiana de cada um. Portanto, a história é o ponto chave a partir do qual o cidadão pode aceitar ou criticar as mudanças urbanas. O urbanista, por seu lado, ao propor alterações, não deve perder de vista a história e o passado da cidade.

O Banco de Dados Informatizado - Setor Memória Fotográfica da Cidade de São Paulo, criado pelo Instituto Cultural Itaú, pretende ajudar os cidadãos a entender a sua própria cidade, a história de cada região, através da informática, procedimento pioneiro no país. O Banco de Dados pode ajudá-los na sua relação

presente e futura com a cidade, a compreendê-la melhor no que diz respeito à escolha dos bens culturais que devem ser preservados e sobre o modo como deve ser efetuada essa política de preservação. Facilita também seu posicionamento diante de novos projetos urbanísticos, a questionar o passado e relacioná-los.

Segundo o diretor superintendente do Instituto Cultural Itaú e idealizador do Setor Memória Fotográfica da Cidade de São Paulo, Ernest Robert de Carvalho Mange,

'o objetivo básico desse programa é comunicar o processo histórico-social da evolução da cidade, de 1860 ao presente, tendo a fotografia como portadora de informações. Ela é o documento fundamental da memória desse processo, definitivamente preservada e acessível a todos'³.

Com a sistematização da Memória Fotográfica de São Paulo em banco de dados informatizado é possível mostrar ao consulente o processo de evolução da cidade a partir de 1860 (ano das primeiras fotografias realizadas pelo fotógrafo Militão Augusto de Azevedo) até hoje, através dos logradouros.

O Banco de Dados foi inaugurado em dezembro de 1991, com mais de quinhentas fotografias digitalizadas da Avenida Paulista, abrangendo o período de 1891 a 1991. As fotos foram selecionadas a partir de um universo de cinco mil imagens, aproximadamente, utilizando critérios de caráter urbanístico, histórico, arquitetônico, técnico e estético.

Além das fotografias, o ente urbano - nome técnico aplicado aos logradouros, por exemplo, *avenida Paulista* - conta com *Informes Históricos*, ou seja, relatos sobre os períodos em que foram divididos a história da avenida, de acordo com critérios das principais transformações. O primeiro período começa em 1891, época da sua inauguração, e vai até 1937; o segundo período tem início em 1938, com a inauguração do túnel da avenida 9 de Julho e termina em 1975, por ocasião das obras de seu alargamento. Finalmente, em 1976 começa o terceiro período que se encerra em 1991, ano da comemoração do centenário da Paulista.

Além dos *Informes Históricos*, o Banco de Dados Informatizado conta com uma *Cronologia* para cada período; *Notas* sobre edificações ou eventos importantes, como o Movimento pelas Diretas em 1984, a Corrida de São Silvestre, etc. e *Plantas* (cartografias históricas), mostrando as plotagens, isto é, ponto aproximado de tomada das fotografias, a altura aproximada e tipos de lente utilizados - normal, grande angular e teleobjetiva.

São utilizados dois monitores no processo. Um, à esquerda, apresenta ao consulente os textos e plantas cartográficas, enquanto o da direita mostra as fotografias com seus devidos créditos e informações consideradas relevantes: título, ano da foto, o logradouro enfocado, acervo a que pertence e nome do fotógrafo.

As fotografias selecionadas para inte-



Largo da Memória - 1984
 Vista aérea do largo com obras do Metrô
 Aut. desc.
 (c) Arquivo/DIM/Metrô

00360037

MÓDULO FOTOGRAFIA

Setor Memória Fotográfica da Cidade de São Paulo, ENTE URBANO - Largo da Memória

Informação Histórica

1870 a 1982

O desenvolvimento do Largo da Memória e a posterior construção da linha de metrô, do metrô, surgiram graças à manutenção de sua histórica importância comercial na comunidade urbana.

Do lado do Armeirão, da Rua Formosa e da Rua General Honório de Toledo, as unidades são anexas à Estação Armeirão do Metrô.

O plano Projeto de Fases, após revisão sua importância, possibilita um futuro interessante espaço de memória.

Para estudar a longa história urbana, Tânia Gilleva, em 1984, em parceria com o arquiteto Tânia Gilleva, realizou um estudo de campo para estabelecer a área de preservação em direção ao Centro.

No alto, a tela com a imagem do logradouro; acima, com o informe histórico.

grar o Banco de Dados são digitalizadas através de *scanner*, e cada uma delas gera um arquivo contendo a informação pixel a pixel (ponto a ponto). No computador é instalada uma placa targa, que decodifica a leitura de digital para analógica, gerando uma imagem no monitor de 1024 por 780 linhas. O Centro de Informática e Cultura I - CIC/I, situado à avenida Paulista 2424 - São Paulo, funciona em rede e as imagens digitalizadas podem ser impressas para o consulente gratuitamente, dependendo da autorização do fotógrafo, agência, instituição ou colecionador.

As entradas para o Banco de Dados são:

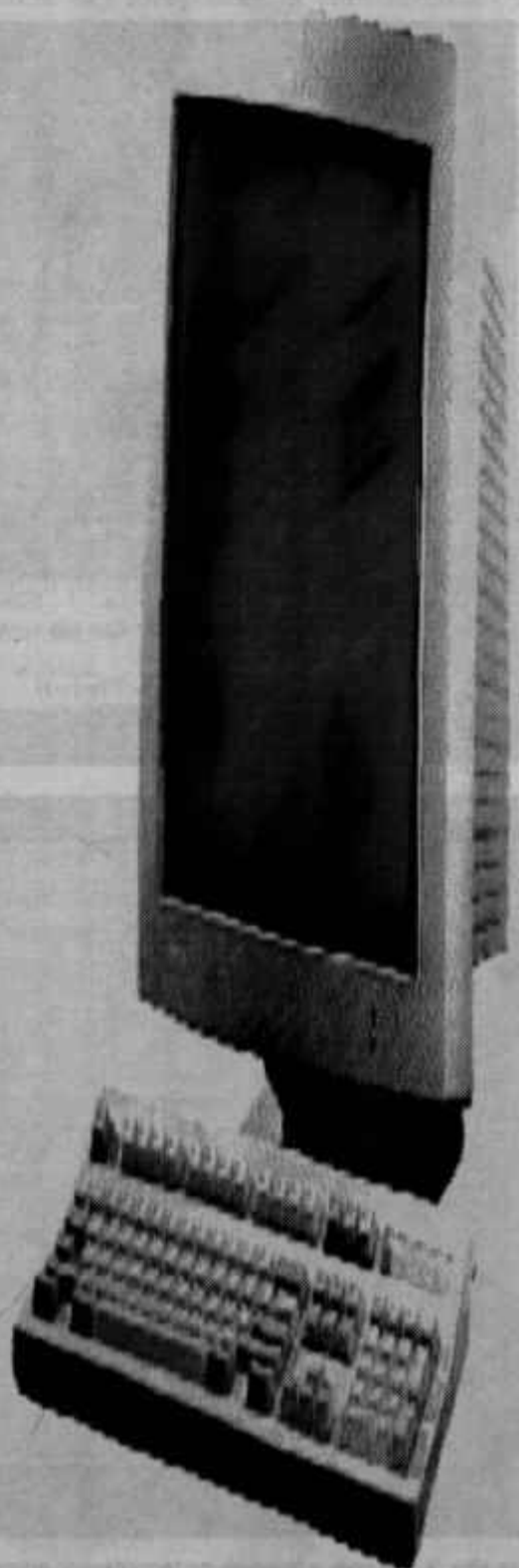
1. Entes Urbanos

Conta atualmente com:

- Avenida Paulista,
- Pátio do Colégio,
- Largo da Memória,
- Largo São Bento/viaduto Santa Efigênia,
- Largo Santa Efigênia/viaduto Santa Efigênia,
- Praça da Sé, praça do Patriarca/viaduto do Chá,
- Praça Ramos de Azevedo/viaduto do Chá,
- Parque da Independência,
- Largo de São Francisco
- Vila Heliópolis/São João Climaco.

Em processo de pesquisa:

- Itaquera -Conjunto Habitacional Padre José de Anchieta,
- Bela Vista,



- Luz,
- Parque Ibirapuera,
- Campos Elíseos,
- Tiradentes,
- Praça da República,
- Brás

2. Descritores

Os descritores permitem o acesso às fotografias conforme tema ou peculiaridade urbana de interesse do consulente, como hospitais, meios de transporte, tipos humanos e outros. Eles estão organizados em categorias decorrentes tanto da história da cidade e de seus componentes quanto do conteúdo e significado das fotos disponíveis.

3. Cronologia

As fotografias podem ser acessadas pelo ano. É possível, por exemplo, passear pela cidade em 1920, se este for o ano escolhido, através dos diferentes logradouros.

4. Fotógrafo

Neste caso as fotografias são acessadas pelo fotógrafo. Se o seu nome, Gal Oppido (por exemplo), for digitado na tela, na sequência seguinte aparecerá a lista dos entes urbanos e a quantidade de fotografias que esse fotógrafo possui em cada um deles.

A informática possibilita uma quantidade infinita de entradas, cruzamentos e acesso a diversos níveis de informações, que gradualmente poderão ser explora-

dos pelo Setor Memória Fotográfica da Cidade de São Paulo. Atualmente, a imagem digitalizada também é garantia de preservação dessa memória e, nesse sentido, o Banco de Dados - Memória Fotográfica da Cidade de São Paulo, é colaborador direto ao registrar, com novas tecnologias, as imagens dos arquivos públicos e privados e 'democratizar o seu uso'.

Os maiores usuários têm sido os estudantes e professores de 1º e 2º graus, seguidos por fotógrafos, museólogos, estudantes de arquitetura, jornalistas, advogados e outros. Mas a intenção é atender a todo tipo de público, com abrangência temática e diversidade de olhares.

Desde o final de 1992 vêm sendo publicados os *Cadernos Cidade de São Paulo*, que trazem um resumo do material contido no Banco de Dados, com informes históricos, cartografias, fotos e cronologia do logradouro. Até agora já foram editados:

- Praça do Patriarca/viaduto do Chã/pracça Ramos/viaduto do Chã,
- Pátio do Colégio,
- Largo São Bento/viaduto Santa Efigênia/largo Santa Efigênia/viaduto Santa Efigênia,
- Praça da Sé,
- Largo São Francisco,
- Largo da Memória
- Parque da Independência.

N O T A S

1. LE GOFF, Jacques. "Documento/Momento". In: ENCICLOPÉDIA Einaudi. Porto: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1984. v. 1, p.39.
2. KOSSOY, Bôris. *Fotografia e história*. São Paulo: Ed. Ática, 1989. p. 27
3. DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DA SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA. *Guia Preliminar do Arquivo de Negativos*. São Paulo: 1992. p. 7
4. MARIANNI, Ricardo. "Patrick Geddes e a presença da história no projeto urbano". In: DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DA SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA - *O direito à memória, patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo: 1992. p.58
5. INSTITUTO CULTURAL ITAÚ. Folheto de inauguração do Módulo Fotografia - Setor Memória Fotográfica da Cidade de São Paulo. São Paulo, 1991.

A B S T R A C T

The Data Base System - Setor Memória Fotográfica da Cidade de São Paulo do Instituto Cultural Itaú has the objective to show all the city evolution process through its streets, avenues and public areas since 1860 till nowadays.

R É S U M É

La Base de Données - Setor Memória Fotográfica da Cidade de São Paulo do Instituto Cultural Itaú objective montrer au grand publique le procès de l'évolution de la ville parmi les modifications de la paysage urbaine - les jardins, rues, avenues etc., depuis 1860.